

Notas

¹ SCHNACKENBURG, Rudolf, *El Evangelio según San Juan*, vol. II, Herder, Barcelona, 1980 (trad.), p. 428. Veja todo o "excursus 12", dedicado ao conceito de "Vida" no quarto evangelho (pp. 428-439)

² Assim DODD, C.H., em *A interpretação do quarto evangelho*, Ed. Paulinas 1977 (trad.), p. 195. Cf todo o capítulo 2, pp. 195-204, sobre a "Vida Eterna" em João

³ J.MATEOS e J.BARRETO, no seu grande comentário *O Evangelho de São João*, Ed. Paulinas 1989 (trad.), preferem traduzir *zôê aiônios* por "vida definitiva". Cf também, dos mesmos autores, o *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, Ed. Paulinas 1989 (trad.), o verbete "Vida", pp. 283-289

⁴ SCHNACKENBURG, Rudolf, op. cit., p. 431-432

⁵ KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João, Amor e Fidelidade*, col. Comentário Bíblico ed. Vozes/Sinodal, 2000, pp. 63 e 255

⁶ SCHNACKENBURG, Rudolf, op. cit., p. 438

⁷ Id., *ibid.*, p. 439

⁸ J. MATEOS-J.BARRETO, op. cit., p. 46

⁹ Id., *ibid.*, p. 47

¹⁰ Assim traduzem MATEOS-BARRETO no seu Comentário já citado. Pessoalmente penso que a tradução tradicional "Bom Pastor" corre o risco de fazer do Jesus-Pastor de Jo 10, o "Bom Pastor" de Lc 15,4-7 ou Mt 18,12-13, isto é, o Pastor bondoso que sai à procura da ovelha perdida. Aqui, em João, o Pastor-Jesus é o pastor valente, lutador, que defende as ovelhas contra os lobos e por elas expõe corajosamente a própria vida

¹¹ E no entanto, no final do evangelho, no cap. 21, o último gesto do Ressuscitado é a entrega do pastoreio a Pedro: *Se me amas, cuida das minhas ovelhas* (21,15-17)... missão sobreumana, que Pedro só poderá cumprir se a tanto o ajudar a graça do Pastor-modelo, o próprio Senhor Jesus

¹² Lit. *a respeito da Palavra da Vida*, em gr. *perí tou lógou tês zôês*, que os especialistas explicam de diferentes maneiras: cf os comentários à primeira Carta, p. ex. de BROWN, Raymond (Anchor Bible, Doubleday, New York, 1982), ou de SCHNACKENBURG, Rudolf (Herder, Barcelona, 1980, trad.), ou de STOTT, John R.W. (Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova, SP, 1982, trad.).

¹³ SCHNACKENBURG, Rudolf, *Cartas de San Juan*, Herder, Barcelona, 1980, trad., pp. 103-104

¹⁴ Cf PRIGENT, Pierre, *o Apocalipse*, Ed. Loyola, São Paulo, 1993 (trad.), p. 408

Endereço do Autor:
ITESC - Cx.Postal 5041
89040-970 Florianópolis - SC

O autor parte da necessidade existencial da Esperança, e define o ser humano como um "ser de esperanças" e "da Esperança". Esta, porém, para nós, cristãos, personalizada em Cristo. Após refletir sobre a "novidade do cristianismo", o autor aborda a Esperança no existencialismo cristão de Gabriel Marcel, e se detém na teologia do apóstolo Paulo. Passa, então, aos "desafios da Esperança no mundo atual", e a seguir reflete sobre "ser jovem", juventude e realidade, os jovens e suas opções, os jovens e seu futuro, o encanto de ser jovem, para então abordar a incidência das drogas na juventude. E conclui, insistindo na missão e responsabilidade da Igreja – nossa missão pessoal também – de apontar aos jovens, mendigos da Vida e órfãos dos verdadeiros valores, a mensagem de Vida e Esperança que possuímos.

Esperança, Juventude, Drogas

Pe. Evaristo Debiasi
Licenciado em Teologia Sistemática e Professor no ITESC



Vida sem esperança

Sem esperança, a incerteza define o futuro e a morte se transforma numa realidade sem perspectivas. Perder a esperança, é assinar por antecedência a certidão de óbito, tendo a angústia como a eterna companheira.

Aqui toma sentido todo pensamento existencial ateu que tem por personagem principal Sartre, concebendo a vida humana como um simples caminhar para a morte como fim. Diz ele: “O homem está aí, estupidamente aí, para o nada, só com sua liberdade absurda. É uma paixão inútil, onde a morte aparece como um perpétuo azar na vida. A vida não é a possibilidade de me realizar, mas a aniquilação de meus possíveis, que estarão sempre fora de minhas possibilidades. Todo existente nasce sem razão, prolonga-se por debilidade e morre por acaso (*L'Être et le Néant*).

Mas Sartre, mais do que uma pessoa, expressa todo um modo de ser, de existir e de viver, onde a vida sem esperança se transforma em vida para a morte, dando lugar ao desespero e ao vazio. Claro, se não tivermos esperança, um futuro que aponte para além-morte permanece uma impossibilidade. Na verdade, sem uma crença, uma religião, uma mística, sem Deus, a existência humana se transforma num declive para a frustração, para o absurdo.

Ao contrário, para os que vivem na esperança, a morte não é termino, mas apenas uma etapa da natureza e do ser vivo, uma qualidade do ser finito, um fim-encontro, fim-começo, fim-plenitude. Por isto mesmo, para os que crêem e vivem na esperança, não há morte, só há vida. Como a semente morre para ser árvore, o botão morre para ser flor, a flor morre para ser fruto, o fruto morre para voltar a ser vida, assim a morte humana existe para ser vida, mais vida, encontro, futuro, vida plena. “*Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância*” (Jo 10,10). O evoluir faz parte de todo o dinamismo da criação. Por que somente o ser humano permaneceria sem a plenitude da maturação?



O homem como um ser de esperanças, da Esperança

Mas, onde buscarmos as fontes da esperança? Antes de tudo na própria natureza humana. Como pessoas, somos por natureza seres abertos para o futuro. Somos procura permanente de crescimento, de felicidade, de encontro e de comunhão. Viver, é perguntar-se pelo “porquê” e pelo “para quê” de nossa existência. Precisamos de uma resposta, buscamos respostas, uma razão de ser, um sentido. Sem sonhos e futuro, perderemos as motivações da existência, tendo por salário a angústia. “Quem não tem uma razão de ser, já tem uma razão suficiente para morrer” (Bay Borry). A pessoa, por criação e vocação, está orientada para o futuro. Neste sentido, perder a esperança, é morrer. A esperança é necessária sempre, mas principalmente nos momentos difíceis. Ela é o nutriente da existência humana.

Num olhar atento para os traços da história da humanidade, penetrando no mais íntimo das aspirações dos povos e das civilizações, constatamos que a natureza humana é marcada em sua estrutura interna, ôntica, pela abertura para o futuro. O homem é um ser que chega para estar sempre partindo. É uma sede permanente de vida, de mais vida. É um ser finito, feito com as aspirações do infinito. É um ser em tensão, diz S. Paulo. No homem, não há só o ser, mas o poder ser. O futuro é da essência de sua natureza. Por isso mesmo, a natureza humana é feita por um nó de relações com o passado, o presente e o futuro. Nesta vida, somos felizes por não sermos totalmente felizes, isto é, por estarmos sempre em busca da felicidade. Estamos nos ultrapassando permanentemente em nossas buscas. Somos seres incompletos, buscando a comunhão, a plenitude. Esta é nossa natureza, nosso existir. Frustramo-nos muito mais pela ausência de um futuro do que por aquilo que nos marcou no passado.

Nesta sede de ser, os futuros humanos, por melhores e mais sadios que sejam, não bastam para as aspirações do nosso coração, que é movido pela atração do Absoluto, Deus. As ofertas do tempo são insuficientes para saciar a sede de vida e de realização que sentimos. Nascidos e situados no tempo, aspiramos pela eternidade. *Aqui não é nossa morada definitiva* (cf Hb 13,14). Cidadãos da terra, caminhamos para a Pátria da eternidade.

Portanto, aceitar ser homem ou mulher, é ser e não ser em busca do ser. Nossa vida somente se torna topia diante da utopia do absoluto, Deus. Somos marcados pela procura do encontro. Somos abertura para dentro e para fora de nós próprios. Somos feitos da imanência e da transcendência. O tempo não nos basta. Por isso mesmo, somos em nossa natureza esperanças



à procura da Esperança. Somos tendência para o ainda não, para o novo, “o Novum”, o eterno de Deus.

Mas, será que esta utopia, sede, aspiração e convergência para um fim-plenitude vai acontecer? Poderá o homem chegar à total comunhão consigo, com a criação, com os outros e com Deus? Ou será o eterno esperar de Prometeu?

Esta é a realidade: ou o homem encontra esta verdade-plenitude de vida, ou apenas seremos sonhos sem realização. Sem esperanças e sem futuro, somos destinados à frustração.

Cristo, nossa Esperança

Ter fé, viver na esperança cristã, é crer no encontro-plenitude de vida. Somos chamados por Deus para a felicidade. Em Cristo, Deus nos dá a total possibilidade de caminhar para a vida em plenitude (Jo 10,10). Entretanto, toda a tragédia do coração humano está na capacidade de dizer “não” à oferta da vida. Esta é nossa grandeza e nossa pequenez. Feitos para a vida, podemos dizer “não”, embora permaneça da parte de Deus a abertura para o encontro-plenitude.

Claro, esta certeza da fé não tira as dúvidas e interrogações, pois sempre restarão as perguntas sobre o “porquê” de tanta dor, injustiça, e da própria morte. Mas exatamente aqui tem lugar a esperança cristã, com sua novidade sobre os sonhos da humanidade.

Como já vimos, a busca da transcendência é uma constante na história dos povos. O antropólogo Berdiaeff nos diz: “Encontramos no tempo sistemas ateus, jamais civilizações atéias”. Esta tendência do coração humano, através de todos os povos e civilizações, é um sintoma claro da natureza humana em sua busca do fim último, o Absoluto. Negar isto seria não reconhecer o testemunho do tempo, das culturas, das civilizações e da própria verdade do homem. Onde houve e há mitos, crenças, religiões, há esperança na transcendência. Todas as religiões são matrizes de esperança. Revelam o sentido da vida humana em seu desejo de eternizar-se.

Novidade do cristianismo

O cristianismo não é apenas mais uma religião entre as religiões, com uma rica doutrina e mensagem. É acima de tudo uma relação de pessoas, de Deus com o ser humano e deste com Deus, particularmente através de Cristo,



que é para nós “o caminho, a verdade, e a vida” (Jo 14,6). Em Cristo, o Absoluto se torna natureza humana, carne, realidade, vida, paixão, morte e ressurreição. Para nós, cristãos, a esperança não é apenas uma virtude, mas uma Pessoa, Alguém, Jesus de Nazaré, nosso Salvador e Redentor, Deus feito homem, um de nós. Esta é a grande novidade de nossas esperanças. Ele é a novidade, o “Novum”, o definitivo, a resposta para o homem em sua procura e sede de futuro, da eternidade. Ele é o único futuro já em realização no presente. Nele e por Ele, o eterno penetrou no tempo e no humano, transformando toda a vida e toda a realidade criada. Cristo não é só uma possibilidade, mas a certeza da fé e a razão de nossa esperança. Nele, a utopia se tornou topia: em Cristo, tudo se cristificou. Nele a própria morte se divinizou, tornando-se morte para a vida. Ele é o nosso futuro, que vivemos e aguardamos. Nele e por Ele, nossa vida, nossa história, a história da humanidade e a própria criação, se definem como futuro. Ele é “a nossa única Esperança”. Sto. Agostinho nos diz: “Cristo já realizou aquilo que esperamos, e Nele já somos o que desejamos”. Mesters, comentando o Gênesis, diz: “O paraíso do Gênesis não é uma situação que perdemos, mas o amanhã que buscamos e o futuro a que somos chamados”. Ernst Bloch, fala: “O verdadeiro paraíso não está no começo, mas no fim”. O livro do Eclesiástico ensina: “Quando o homem tiver acabado, então tudo estará apenas começando”(Eclo18,6).

Por isto, na fé cristã, vivemos o tempo da esperança como um ato de fé e de amor à vida, pois a própria morte na morte e ressurreição de Cristo foi superada. Não temos medo da morte, porque, na morte de Cristo, nossa morte se tornou vitória, vida, encontro-plenitude. Podemos dizer, na certeza da fé. “*Ó morte, onde está tua vitória?*” (1Cor15,55)

Na verdade, em Cristo, nossas utopias se tornaram topias. A vida não é um drama sem saída, mas um processo-vida-encontro-superação-fim-plenitude. Esta é a diferença fundamental entre o futuro das utopias humanas e o futuro da utopia cristã. A esperança cristã tem sua segurança, não em sonhos e promessas humanas, mas na certeza do Ressuscitado. Cristo vencedor da morte é a esperança de nosso futuro. A vida continua dramática, mas não trágica. No mistério pascal de Cristo, nossa esperança abraça o presente para gestar a construção dos “*novos céus e a nova terra*”.

Nesta perspectiva da fé cristã, a esperança não aparece apenas como uma virtude, mas é a vivência do próprio mistério salvador de Cristo no tempo, no agora de cada momento. O Deus da fé e da esperança não é um Deus a-histórico, mas o Deus da Promessa, Javé, o Deus conosco, comprometido com o destino e salvação de seu povo, que se manifestou na plenitude de Jesus de Nazaré. Falar, portanto, em esperança cristã a partir de



Cristo, nossa Esperança, é comprometer-se com o desígnio do Pai e com o Projeto de Jesus, o seu Reino. E já que Cristo é o futuro de nossa esperança, quem espera Nele não pode mais se contentar com as injustiças do presente. O cristão será sempre um inquieto enquanto as inquietudes do tempo não terminarem. Viver na esperança é comprometer-se com a causa de Cristo e com a sorte da humanidade. Neste sentido, a paz com Deus é tensão com o mundo das injustiças. Não há esperança e nem futuro sem a encarnação no presente, na construção do Reino de Deus. Pertencer à Igreja e dela participar é, definitivamente, envolver-se com a causa de Cristo em seu amor ao Pai e amor aos irmãos.

O equívoco da imperfeita esperança cristã é sonhar o amanhã sem a encarnação no presente, e pensar o presente sem o futuro de Cristo. Nesta perspectiva, esperança cristã é a vida que nasce da relação de Deus com o homem e deste com Deus em Cristo. Cristo será sempre a síntese, a meta-fim, o encontro-plenitude e horizonte de nossa esperança, pois Ele é a nossa única Esperança.

A esperança em Gabriel Marcel

Em seu livro, "Homo Viátor" (O Homem Peregrino), Gabriel Marcel se apresenta como o filósofo da esperança cristã. Para ele a esperança se define como a busca de Deus, que é a fonte da vida e do amor. O ser humano está aberto para a transcendência e, em razão "de seu peso ontológico", leva-nos a buscar o Ser que se basta a si mesmo, Deus, para somente ali encontrar a paz, a alegria e a união. Moeller, sintetizando a esperança em G. Marcel, diz: "É uma esperança que é paciência criadora na realidade da vida, onde cada pessoa tem a experiência de que, sozinha, não chega à plenitude íntima do ser, transformando-se por natureza em um caminhante permanente. Esta esperança nos leva para a experiência não do desespero, mas da salvação, uma esperança marcada pela paciência criadora, pois é fundamentada no transcendente".

Para G. Marcel, a esperança cristã tem duas direções: o encontro com Deus e o encontro com o outro. Não há esperança a não ser no nível do "nós", do "ágape". Em vão encontraremos apenas no "eu", a nossa razão de ser. Fechados em nosso "eu", nos tornamos ambição, solidão. Somos feitos para a comunhão e só nos definimos no amor. A verdadeira esperança sabe que ninguém se basta a si mesmo. Diz ele: "Nada mais supera a solidão e o desespero senão a abertura ao outro, para celebrar a comunhão. A alma mais disponível, a mais consagrada, a mais inteiramente dedicada, é a mais protegida contra o desespero e o suicídio".



Esta é a riqueza da esperança cristã em G. Marcel. Entretanto, diz Marcel, toda esta comunhão com os outros, pouco significaria se não estivesse alicerçada no "Tu absoluto de Deus". A morte não aparece como fim, mas como passagem para o encontro com o verdadeiro Ser, lançando-nos em definitivo para a posse da Vida plena.

Este é, sem dúvida, o modelo mais valioso e audaz do existencialismo católico. Conciliação da mente contemporânea com a fé cristã.

A esperança em São Paulo

Entretanto, ninguém traduz melhor com palavras o que é a esperança cristã do que o apóstolo Paulo em suas cartas. É o teólogo por excelência da esperança cristã. Esperança que tem seu fundamento no encontro pessoal com o Cristo ressuscitado (Fl 3,12). São Paulo fala muito deste seu encontro pessoal com Cristo, que mudou radicalmente sua vida e deu-lhe a compreensão do futuro do homem. Sua ciência sobre a vida, veio deste seu encontro pessoal com o Ressuscitado. Daí nasceu a melhor reflexão que possuímos sobre o mistério pascal de Cristo.

Na verdade, São Paulo nos apresenta uma visão toda particular da existência humana, onde a vida do cristão é vista como tensão, a morte é vista como contingência, e o céu como a pátria definitiva, sendo Deus a felicidade e a realização plena dos sonhos da humanidade.

Sua teologia da esperança tem um fundamento, o Cristo da Páscoa. Como dissemos, seu encontro pessoal com o Ressuscitado em Damasco provocou uma mudança radical em seu modo de ser. Desde então, Cristo se tornou o centro de sua vida, do seu viver, trabalhar, evangelizar e existir (1Cor 3,7-9). Cristo é o grande mistério, agora revelado (Ef 1,3s).

São Paulo, como poucos, soube fazer uma sádia inculturação da mensagem de Cristo em seu tempo. Usa os conceitos helênicos para evangelizar. Para ele, o divino e o humano são partes inseparáveis na redenção de Cristo.

Por isso, quando usa a palavra "*sôma*" (corpo), entende a pessoa em sua totalidade, e não só o corpo. Todo o ser humano foi tocado e assumido por Cristo. Cristo não é o Salvador de almas, mas do homem, da mulher, da humanidade. Sua esperança na ressurreição não é só da alma, mas do homem todo à semelhança de Cristo.

"*Sárx*" (carne), não é apenas o substrato material do homem, nem se



trata apenas do sexo, mas é o homem em sua realidade humana, afetiva, social, espiritual e sexual que foi marcada pelo pecado, mas que, muito mais, foi cristificada no mistério pascal de Cristo.

“*Psychê*” (alma), para SP expressa o “ser vivente”, o homem todo como ser animado, com pensamentos e sentimentos, pessoa.

“*Noûs*” (inteligência), entende o homem como ser consciente, livre, responsável, que decide e escolhe na intimidade de seu coração entre o optar pelo caminho do bem ou do mal, e que se deixa conduzir pelo *Pneûma*, o Espírito de Deus.

É nestas dimensões que SP compreende o homem em sua realidade total voltada para Deus, como corpo-espírito, assumido pela encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo. O homem é destinado a viver, por gratuidade do amor de Deus, em Cristo e no Espírito, num encontro total consigo, com os outros, com a criação e com Deus.

É nesta perspectiva que compreenderemos a tensão existencial que marca os escritos do Apóstolo. “*Não que eu já tenha alcançado o prêmio, ou que já seja perfeito, mas prossigo minha carreira para ver se de algum modo o poderei alcançar, visto que eu fui alcançado por Cristo Jesus*” (Fl 3,12). A meta última da esperança cristã, para Paulo, é o encontro pessoal e final com o Cristo glorioso (1Ts 4,17). Nesta vida, o cristão é um homem a caminho. *Viver em Cristo* é caminhar sempre mais ao seu encontro, abraçando a causa do Pai (Rm 6,4; Gl 5,25; 1Cor 9,24-26). Todo o dinamismo da vida cristã está no ser de Cristo que possuímos. “*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*” (Gl 3,27). Viver na esperança, para SP é, portanto, buscar viver na comunhão com Cristo, estar incorporado em sua vida, vivendo o seu mistério pascal (Rm 6,3-11).

Esta é a perspectiva cristológica do existencialismo paulino. Consciência da realidade finita do homem e de sua fraqueza, mas certeza de que na esperança alcançará com Cristo por obra do E. Santo a plenitude do futuro, da glória que um dia se revelará em nós. O homem é compreendido dentro de sua razão de ser e possibilidades. É um ser a caminho, onde a esperança aparece como sua própria estrutura pessoal. Um ser que por vocação e criação se define na espera daquilo que já vive, onde sua contingência não é um fim, mas é abertura para o futuro de Deus.

Enfim, a esperança cristã, para SP, se apóia no passado (promessa de Deus), para esperar o futuro de Cristo em sua glória através da paciência do presente. Neste sentido, a esperança, como mística do homem peregrino, é



um apelo permanente de empenho na construção do estado definitivo do “novo céu e nova terra”. Nossa esperança no futuro, bem longe de nos distanciar da terra, nos lança para dentro de todos os desafios para transformá-la à imagem do Cristo. Para SP, ter esperança, viver na esperança, é viver no empenho do presente, construindo a paz e a justiça até que *Deus seja tudo em todos* (1Cor 15,28).

Os desafios da esperança no mundo atual

Sem conhecermos melhor a realidade concreta do homem de hoje, particularmente de nossa juventude, dificilmente poderemos apresentar a esperança cristã como resposta aos grandes anseios do coração humano. O Concílio Vaticano II, através da *Gaudium et Spes*, abre a Igreja para esta intuição ao falar “dos sinais dos tempos”, dizendo que devemos ler o livro da história humana para vermos como esta se encontra perpassada pela procura de um sentido e de um futuro para a vida. No drama da angústia e na experiência do desespero, sinaliza-se o grito de algo que morreu. O coração do homem precisa de esperanças, da Esperança, para acolher seu passado, para viver o presente e para sonhar o seu futuro. A angústia e o desespero fazem parte da vida de multidões e têm sua origem primeira na falta de perspectivas. A morte dos valores da vida sempre foi causa decisiva para o aumento da agressividade em todos os níveis: pessoal, social, comunitário e mesmo econômico. Os desequilíbrios gritantes no social vêm sempre acompanhados da morte dos valores da fraternidade e da convivência. A origem de tantas neuroses e angústias, a enfermidade do abuso das drogas, tem aqui sua origem e causa principal. A cultura da morte sempre nasce, quando a cultura dos valores da vida desaparece.

Mas, da realidade do vazio, nasce a procura da vida. O homem atual valorizou o relativo e relativizou o absoluto. Cultivou demasiadamente o externo com o esquecimento da interioridade. Vivemos a cultura do ter, do prazer e do aparecer, com detrimento do ser e do existir. Com o mundo que criou dentro e fora de si, o homem atual sente medo de si mesmo, do seu progresso, do futuro, e busca um sentido novo para a vida. E os que anunciavam um terceiro milênio sem Deus, se deparam no presente com a humanidade tocada pela nostalgia da vida, dos valores, da humanidade, do espiritual, de Deus.

Juventude e esperança

No alvorecer do Terceiro Milênio, dois milhões de jovens do todo o mundo voam para Roma a fim de ouvir a sabedoria de um idoso, o Papa, nos



tempos conturbados em que vivemos. O que está acontecendo? Numa época em que se fala tanto dos conflitos das gerações, um homem atingido pelas contradições de nossos tempos, mas amadurecido pela sabedoria da vida e marcado como poucos pelas cicatrizes da história de nosso século, atrai milhões para falar de esperanças no meio de tantas desesperanças. O evento fala por si. Esta é a verdade. O que se esconde no coração deste homem que conhece as dores e as aspirações das gentes de nosso tempo, é o anúncio das esperanças e dos valores da vida.

Mas, o que os jovens buscam nele? Na verdade, João Paulo II significa a esperança no meio de tantas mentiras de nosso tempo. Ele é o portador dos valores da vida, de que hoje tão pouco se fala. Esconde-se nele a presença daquele que disse: *"Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja"* (Mt 16, 18). Nele se personaliza a procura da transcendência do coração humano, na declaração de Pedro: *"A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!"* (Jo 6, 68)

Sim, tenho procurado entender "os sinais dos tempos" nestes dois milhões de jovens que voaram para Roma. O mundo está cansado das promessas, está frustrado diante do fracasso das ideologias com suas ilusões, está perdido fora e dentro de si. Busca certezas, esperanças, vida, valores. O Papa personaliza em sua figura carismática, no vazio das lideranças de nosso tempo, as aspirações do coração humano, particularmente dos jovens, em seu desejo de viver, de encontrar-se com o sentido da vida, com o espiritual, com Deus. Ainda me soam aos ouvidos as palavras emocionadas do Papa diante da multidão que o ouvia: "Jovens, nunca se esqueçam. Se quiserem ser sempre jovens, convivam com os jovens". E mais, num desafio à juventude do mundo, disse: "Confio na força e no amor de vocês, pois vocês são capazes de provocar transformações e gerar vida, tornando concreto o sonho de Deus para nosso tempo".

A verdade do ser jovem

Embora a juventude sempre tenha sido compreendida como um período determinado da vida humana com suas características próprias, há uma diferença essencial entre o jovem de ontem e o de hoje. O jovem de ontem, em sua idade, era feito de seu meio ambiente que era seu mundo, hoje é feito do mundo como seu meio ambiente. Esta diferença pede uma reflexão mais apurada diante dos valores e contra-valores que envolvem nossa juventude. Sem esta compreensão mais crítica e abrangente, poderemos ser superficiais em nossas conclusões. Na verdade, sem compreendermos melhor a problemática do mundo em que vivemos, não compreenderemos a juventude



em sua idade, com suas aspirações, tensões, encontros e desencontros.

Puebla, ao buscar lançar luzes sobre uma melhor compreensão da juventude de nossa América Latina, diz em suas páginas sobre a opção preferencial pelos jovens: "A juventude não é só um grupo de pessoas de idade cronológica. É também uma atitude frente à vida, numa etapa não definitiva, mas transitória" (Puebla, 1167). Tem suas características de aventura, uma capacidade renovadora e criadora, vive no sonho de seu futuro, é sensível à liberdade, questionadora das injustiças sociais, exigindo mais autenticidade de vida, rejeitando com mais coragem as mentiras de nosso tempo. Representa um verdadeiro potencial no futuro da evangelização, sensível à "nova civilização do amor".

Mas os jovens, com a sua personalidade ainda não bem definida, são as maiores vítimas dos sistemas e das ideologias do ter e do prazer. Sem ainda terem a clareza dos valores, vivem juntamente a crise da idade e a crise do tempo, sendo manipulados em seus sonhos e aspirações.

Portanto, ser jovem é estar diante da vida numa descoberta nova de si e do mundo. Idade da descoberta da pluralidade de vida, dos valores e contra-valores, das várias possibilidades de realização. Penso que poderíamos descrever a juventude como a "idade em crescimento, que busca uma definição pessoal". Idade do "vir-a-ser", rica em promessas de renovação e em reservas de entusiasmo e de generosidade. Idade de transição, não apenas como período de passagem, mas como tempo importante na participação da formação pessoal e na construção de um mundo mais justo e fraterno. Juventude, como um "estado de opção". Chamo "estado de opção" para esta possibilidade e aptidão rica em seguir os diferentes e variados caminhos de realização que a vida oferece. Claro, como estado de opção, exige toda a proteção e ajuda necessárias para que, na liberdade e no discernimento, possam escolher o melhor caminho, profissão e vocação, na busca de uma realização pessoal e na construção do bem social.

Entretanto, temos que ser objetivos diante da realidade em que nos encontramos. A maioria dos jovens vive sua idade sem as condições necessárias de pensarem com segurança seu futuro. Pior ainda, uma multidão se encontra à margem das mínimas condições de uma vida digna para se desenvolver sadiamente no corpo, na mente e no espírito.

Juventude e realidade

A realidade do mundo em que nos encontramos é por demais conhecida em sua complexidade, com seus valores e contra-valores. A



juventude, como idade em formação, é a que mais é atingida pela ambiguidade de nosso tempo. Sobre ela pesa o drama da complexidade do mundo atual.

Estas mudanças em todos os níveis da vida humana trouxeram a realidade das tensões sociais no mundo em que vivemos. Uns poucos com tudo e a maioria da humanidade à margem da participação dos gigantescos frutos de tanto progresso. Parece quase impensável que dos seis bilhões de pessoas da humanidade, praticamente três bilhões vivem com dois dólares por dia. E mais, um bilhão e meio estão praticamente sem condições humanas de sobreviverem. Vivemos num mundo tecnificado, mas profundamente desumanizado. Uma humanidade rica em meios, mas profundamente carente nos valores. Há um vazio profundo entre a consciência e a eficiência, tendo como resultado o peso das depressões, neuroses, angústias, vazio existencial e o drama das drogas. A vida perdeu seu encanto, seu espaço e valor.

Por outro lado, as rápidas transformações em todos os campos, junto com as gigantescas mudanças sociais, com os conflitos da existência, do humano, do afetivo e do psíquico, gestaram a maior crise do coração humano, a crise do sentido da vida. Com a morte dos valores, do ético e do espiritual, o ser humano está enfermo em sua existência, em sua razão de ser, no amor, na fraternidade e na solidariedade. A morte de Deus sempre veio junto com a morte dos valores humanos, isto, desde a perda do paraíso em Adão e Eva. Esta realidade trouxe as tensões do tempo em que vivemos, onde nossos jovens são as principais vítimas.

Por outro lado, é verdade, do vazio da vida, surgem as saudades da vida. Este é um ciclo do coração humano, como da própria história da humanidade. Deus se serviu desta experiência na vida do povo de Israel, para realizar sua Promessa através da História da Salvação. Por isso mesmo, como nunca o homem atual tem saudades da vida, dos valores, da justiça, de mais humanidade. Há um despertar da consciência do ético, da justiça social, dos direitos e dos deveres. O clamor por uma partilha mais justa na divisão dos recursos da humanidade começa a ser uma crescente aspiração, da qual o Papa é o grande porta-voz no grito dos excluídos da humanidade.

Não podemos negar, apesar de todos os desequilíbrios e tensões, nasce na consciência da humanidade, particularmente no coração de uma multidão de jovens, o sonho de um mundo melhor, mais fraterno, justo e igualitário para todos. Do vazio da existência e das experiências de tantos sofrimentos em todos os níveis, o homem atual aspira por um mundo novo, uma nova sociedade, uma nova convivência. A "civilização do amor" como projeto de Deus e como sonho do coração humano, pode estar adormecida, mas não morta. Basta despertá-la. Esta é, na verdade, nossa grande missão



no presente da história humana. No dizer da *Gaudium et Spes*, a Igreja tem algo de particular e de novo a oferecer ao homem de hoje em sua busca de encontrar os caminhos certos para construir uma humanidade mais justa, fraterna e feliz.

Os jovens perante a realidade do mundo

Na complexidade da vida atual, as pessoas se sentem mais peças do que indivíduos, dentro de uma sociedade massificada. Por isso mesmo aspiram por mais vida. A juventude, que por si mesma está aberta à vida, toma consciência que sua idade não é apenas um tempo de passagem, mas um tempo de missão especial no mundo. Por isso, começa a pedir seu espaço e faz com que as relações em família, na escola e na sociedade, mudem. Nem sempre estamos preparados para o convívio sadio e de auto-ajuda no conflito das gerações. Esta consciência no modo de viver a vida atual pode ser caminho de um grande enriquecimento mútuo entre as gerações, ou causa explosiva das tensões. Temos que nos preparar para o diferente, para uma sociedade de convivência múltipla, onde todos querem ter sua vez e voz.

Na verdade, pode-se calar uma voz, mas reprimir uma consciência é gerar maiores tensões. Os jovens, por idade e por consciência, estão abertos à vida e querem ter seu espaço, oportunidades, vez e voz. O papa Paulo VI, há anos já nos advertia, dizendo: "Pela primeira vez na história testemunhamos o aparecimento de uma geração mais nova que, devido à rapidez das mudanças e ao impacto da educação, tem mais cultura que as pessoas de mais idade. Os jovens estão conscientes disto, e este fato altera a relação entre as gerações". Continua: "A ruptura da juventude com as gerações anteriores é um fato real e, para ser corrigido, pede um esforço maior de diálogo. Os jovens têm uma palavra a dizer e é forçoso confiar neles. Os jovens de hoje aspiram com todas as suas forças a fazer melhor do que aqueles que os precederam e que não souberam ou não puderam evitar que a humanidade fosse afligida por duas guerras mundiais no espaço de uma geração" (*Osservatore romano*, 18-04-68). Portanto, ouvi-los, e integrá-los no processo da construção de um mundo melhor, será sempre o melhor caminho a tomar, mesmo que na prática seja impossível atender à maioria de suas aspirações. A sociedade de massa aspira por ser uma sociedade de diálogo em todos os espaços da vida moderna.

Por outro lado, bem cedo os jovens se deparam com a realidade da vida, com os contrastes entre o falar e o viver. Sentem a mentira entre o discurso e a prática. Vivem num mundo que deveria promover a todos, mas que no dia a dia provoca exclusões gritantes. Uma multidão de jovens se



depara com um mundo hostil e insensível, perante o qual suas aspirações pouco significam. Se há uma desordem e revolta em nossa juventude, nada mais é que o resultado e uma reação à desordem que a atual sociedade tolera e justifica (Puebla, 1168s).

Os jovens e suas opções

Diante da realidade do mundo, os jovens podem tomar quatro caminhos:

1 – Pela carência de condições, uma multidão de jovens se encontra à margem dos benefícios econômicos, sociais, familiares, humanos, afetivos e espirituais. Por isso, entregam-se à revolta, à passividade, aos prazeres do consumo, do conforto, do sexo, ou encontram suas compensações nas drogas. Há muitos jovens, de todas as classes sociais, que pela vida que levam, são mais velhos que os velhos em seus ideais e sonhos. Estamos diante de uma massa passiva e amorfa, que renunciou aos sonhos da vida.

2 – Outros, na impossibilidade de se posicionarem diante da realidade em que se encontram, projetam suas frustrações em falsos valores e se deixam manipular pelos ídolos, roupas, acomodação, ou então, procuram, através da eletrônica, sua fuga. Pior ainda, podem manifestar desinteresse por tudo que os cerca, pelo seu futuro, pela própria vida, renunciando à alegria de viver e ao próprio sonho do amor.

3 – Outros, um grupo mais conscientizado, colocam seu dinamismo na busca de um mundo melhor. Questionam um mundo de cuja deterioração não se sentem responsáveis. Mas, quando não compreendidos, com facilidade desanimam e podem cair em extremismos, destruindo-se a si mesmos e aos outros.

4 – Enfim, outros jovens, sempre mais numerosos, graças a Deus, tomam consciência de seu valor, de seu papel e missão de jovens, e mesmo no meio de tantos desencontros, apaixonam-se pela vida, pelos ideais humanos e espirituais, pelos valores, pelo bem pessoal e social, entendendo que a melhor forma de mudarem o amanhã, é mudarem primeiro a si próprios.

Os jovens e seu futuro

O melhor investimento no futuro da humanidade é, sem dúvida, a formação das novas gerações. Formar as novas gerações não é apenas instruí-



las ou capacitá-las profissionalmente. O futuro da humanidade não precisa apenas de técnicos, mas precisa muito mais de pessoas, em cuja formação o humano, os valores, a vida, o ético, a cidadania, a justiça e a verdade tenham seu lugar. Educar, não é mais apenas a missão de transmitir conhecimentos, mas a arte de, juntamente com os bons conhecimentos, transmitir o saber, a sabedoria. Sem a sabedoria, não devolveremos ao mundo a fraternidade, a solidariedade, a convivência e paz que tanto se fazem necessárias. Neste sentido, educar será sempre a arte de, juntamente com os bons conhecimentos, transmitir às novas gerações as razões de ser e de esperar, apaixonando-as pela vida, pelo encanto do viver e do conviver. Ora, vida não se transmite se não se possui.

Desse modo, o processo de reanimar e apaixonar as novas gerações pela vida, nascerá da unidade da vida com o discurso. A maior lição a ser ensinada às novas gerações, é a lição da vida, dos valores, do ético, da moral, da justiça e da verdade. Sem estes ingredientes, o sabor da vida ficará sem os segredos da felicidade e da realização. Se não salvarmos o homem, jamais salvaremos o futuro da humanidade, por mais progressos que esta possa vir ter.

Contudo, apesar da realidade em que nos encontramos, é preciso crer que é possível encontrar a vida, a felicidade, os caminhos da justiça, da fraternidade e da convivência universal. O mundo atual, com todos seus questionamentos, não é um beco sem saída. Basta sermos sensíveis “aos sinais dos tempos” e assumir o profetismo bíblico, que sempre anunciou esperanças quando tudo parecia apontar para desgraças. Basta aproveitar o dinamismo interno da juventude e reorientar suas forças de vida para o bem, para os ideais, para os valores do humano e do espírito.

A responsabilidade será nossa, se o espírito de aventura e o dinamismo da vida de nossa juventude for sufocado pela asfixia de nossa passividade. Temos como cristãos uma alternativa a oferecer para a juventude e a humanidade: o futuro de Deus, que nos foi dado acima de tudo por Cristo. Temos que investir o melhor de nossas forças na formação e na evangelização de nossa juventude, que, diga-se a verdade, em grande parte foi abandonada pela própria Igreja, apesar de esta ter feito dos jovens uma *opção preferencial* em Puebla.

Não tenho medo de afirmar que um dos mais graves pecados da Igreja católica, no Brasil, foi o de ter-se afastado da evangelização dos jovens. Nossas universidades se encontram praticamente órfãs da presença de padres no ministério da evangelização, enquanto o espaço foi totalmente ocupado pelos pastores de outros credos. Ao deixarmos de evangelizar a cultura, os



líderes do presente e do amanhã de nosso povo crescem à margem do conhecimento de Cristo por nossa omissão. Este é nosso grave pecado histórico. Queremos uma sociedade ética e moralmente sadia, e no entanto não nos preocupamos diretamente com a formação dos responsáveis do nosso povo. Isto é uma omissão que brada aos céus.

O encanto de ser jovem

Precisamos urgentemente investir mais na formação e na evangelização de nossa juventude. Ela é, por natureza, terreno aberto para os valores, a vida, o humano. Com João Paulo II, precisamos acreditar que a juventude é capaz de tornar a utopia do projeto de Deus possível em nossos dias. Os dois milhões de jovens que, em agosto último, foram ouvir o Papa, são um sinal dos tempos da fome de Deus que está no coração de nossa juventude.

Precisamos, antes de tudo, ensinar os jovens a amar a sua idade, seu tempo, sua vida e o mundo em que vivem. Talvez como nunca se torna sensível e oportuna, no coração de nossa juventude, a lembrança do preceito de Cristo: *“Dou-vos um novo mandamento, que vos ameis como eu vos amei”* (Jo 13,34). Todos nascemos por amor, mas não nascemos sabendo amar. A palavra amor está tão manipulada, que poucos sabem seu verdadeiro significado. Precisamos urgentemente devolver o sentido e o significado do amor cristão às novas gerações. Mas o verdadeiro sentido do amor nunca será dado, sem primeiro devolvermos aos jovens o sentido da vida. Sem que a lição da vida seja apreendida, a eficácia do amor não acontece. Não se pode dar aquilo que não se possui. O amor exige partilha. Se não se possui a vida, se partilha o vazio. Sem partilha do que se é e se possui, a liturgia do amar e do deixar-se amar se transforma em posse do outro, ao invés de ser comunhão geradora de vida e da vida.

Simpatizo com as palavras do Pe. Antônio Magalhães sobre o que se processa no íntimo de nossos jovens: *“Em cada um de vocês, caríssimos amigos, agita-se a grandeza de um coração jovem, machucado por um mundo que experimenta a guerra e a fome, um coração batendo em ritmo de inconformismo e de protesto. A pretensão de acalmá-lo é destruidora da vida, porque em seu ritmo encerra os valores da generosidade plena, em que se apóia todo anseio e condição de se construir um mundo novo mais justo e fraterno para com todos”*.

Partindo da verdade de que a juventude é tempo real de vida e não apenas um período de passagem, o que de melhor poderemos fazer por nossos jovens é comprometer-los na missão de construir um mundo melhor a partir deles próprios, restituindo-lhes o valor da vida, o sentido do sexo, da



amizade, do amor e paixão pelos valores, por Deus. Sem os valores do espiritual, a vida não se explica em profundidade e a pessoa sempre corre o risco de se perder em suas procuras. O esquecimento de Deus, sempre será também um desamor de si mesmo. Nossos bispos ensinam: *“Os jovens devem tornar-se os primeiros e imediatos e mais autênticos apóstolos dos jovens, fazendo o apostolado entre si e por si mesmos”* (Puebla, 1188).

Nossa juventude merece conhecer quem é Jesus, sua mensagem e seu amor. Cristo é o grande libertador, o amigo especial do homem, particularmente dos mais fracos e esquecidos. O preceito do amor levado a sério se apresenta como a grande fonte motivadora da vida, capaz de preencher as aspirações do coração de nossos jovens.

Recordo-me, vagamente, mas ainda com muito ardor, do que significaram em minha vida de jovem, as palavras e a vida do grande pastor negro americano, M. L. King. Ele deu a vida por seus irmãos de cor negra, acreditando na força do amor para a mudança dos preconceitos do racismo em sua pátria.

Para que a mudança aconteça, dizia ele:

É preciso ter a coragem de amar. É preciso saber amar as pessoas não como entidades, talentos ou meramente coisas, mas amar as pessoas como seres humanos, feitos da mesma massa que nós e moldados à mesma imagem divina.

É preciso correr o risco do amor. O verdadeiro amor arrisca muito de si, o próprio prestígio, a posição e até a própria vida, pelo bem dos outros. *“Não há maior demonstração de amor do que dar a vida pelos amigos”* (Jo 15,13). Doar traz mais felicidade que reter. Sem generosidade, o amor morre.

É preciso ter a boa vontade do amor. Para que os homens aprendam a se amar e se concretize a justiça almejada, para que aconteça o diálogo entre os grandes e pequenos, para que ninguém seja esquecido, para que o amor aconteça e a vida renasça, não bastam as palavras e as leis. É mister mudar de coração, tendo um coração novo, uma mentalidade nova, um novo modo de pensar e de agir. Para isto, é preciso que nosso coração se deixe invadir pelo verdadeiro amor que tem sua fonte em Deus. O verdadeiro amor é a única força capaz de transformar o inimigo em amigo, o único meio para que as pessoas de raça, cor, credo, classes diferentes, se sintam irmãos e concidadãos da mesma humanidade, filhos e filhas de um mesmo Deus que é Pai de todos.

Soam-me ainda aos ouvidos suas palavras dias antes de seu



assassinato: “É muito pouco a manifestação a favor da paz ou contra a guerra. É preciso trabalhar efetivamente em nosso país, em nossa cidade, bairro, grupo, na própria família, para que se instaure a nova vida que aguardamos. Se quiserem um dia dizer quem fui, digam que busquei ser o tambor da justiça. Que não se recorde que recebi o prêmio Nobel da paz. Isto não tem importância. Digam nos meus funerais que procurei fazer da minha vida um dom, que procurei apenas amar e servir a humanidade”.

Na verdade, a humanidade precisa, urgentemente, de testemunhas da vida. Particularmente nossa juventude, carece muito de sadias referências. Sem modelos, testemunhas e valores, a qualidade da vida humana se degrada e, no vazio da existência, as drogas são um convite para as auto-gratificações e compensações.

A juventude e as drogas

O drama do abuso das drogas deve ser compreendido antes de tudo como uma enfermidade, fruto de uma sociedade debilitada em seus valores, mais do que uma problemática da juventude em si. Claro, a juventude tem sua parte de responsabilidade, mas é mais vítima que culpada. Esta é a verdade. Vivemos numa sociedade rica em meios, mas muito pobre de vida e de valores. O abuso das drogas é um sintoma crônico da enfermidade social e existencial dos tempos em que vivemos, diante da perda do sentido e do significado da vida humana. Hoje, porém, transformou-se em verdadeira tragédia, diante da sofisticação das drogas produzidas e da facilidade com que estas chegam em toda parte.

Vivemos numa sociedade que absolutizou o relativo e relativizou o absoluto, que acentuou o ter, o prazer, em detrimento do ser, do existir e do ético. Aproximou as distâncias, mas distanciou as proximidades. Vivemos na era dos meios de comunicação, mas na prática nos encontramos em um estado de solidão. Debilitados pela ausência dos verdadeiros valores do humano e do espiritual, nos tornamos frágeis diante da ilusão da realidade das drogas. Como o organismo humano, quando debilitado em suas resistências físicas, se torna presa de todo tipo de enfermidades, assim a vida humana, sem a presença dos verdadeiros valores, se torna vulnerável diante da tragédia das drogas.

Portanto, falar em problemática das drogas, é buscar ter uma visão e consciência que vá além dos sintomas do uso indevido das drogas em si, e de suas conseqüências. Na verdade, sem um motivo maior e sem uma sólida razão de ser, já teremos as razões suficientes para sermos fracos diante da



ilusão das drogas. Quando tiramos os valores do absoluto do centro da vida, fazemos do relativo o valor absoluto. Aliás, desde Adão e Eva, o distanciamento dos verdadeiros valores da vida sempre foi fator principal da enfermidade do coração humano, gerando a asfixia na convivência familiar, fraterna, social, debilitando o apreço à vida a nível pessoal, familiar, e social.

Hoje, diante da gravidade da problemática do abuso das drogas, já existe um consenso universal entre os especialistas ao admitirem que a enfermidade das drogas é uma doença, onde não basta apenas a presença de alguns profissionais para combatê-la, mas se faz necessário uma nova consciência de vida, onde todas as forças vivas da sociedade devem se fazer presentes. Particularmente se faz necessária a presença da família, das escolas, da sociedade, das igrejas, dos governos e acima de tudo a presença e a crença em um poder superior, Deus.

Dr. Olivestein, diretor da clínica de Marmotan em Paris, uma entre as melhores clínicas do mundo no tratamento de desintoxicação, recuperação e orientação dos dependentes químicos, após anos de trabalho e experiência, diz: “Devo admitir que, aqueles que com mais facilidade deixaram o mundo das drogas e conseguiram se manter na abstinência, todos eles recuperaram a auto-estima e possuíam uma crença em um Ser superior”. Esta experiência é compartilhada por vários cientistas no assunto, como acima de tudo, é uma experiência constatável nos grupos de alcoólatras anônimos e nas comunidades terapêuticas.

Agir juntos, hoje, é um consenso, diante da problemática das drogas. A enfermidade das drogas exige uma consciência múltipla, mas acima de tudo, exige o urgente cultivo dos verdadeiros valores.

Num estudo mais recente sobre o problema do abuso das drogas através dos tempos, se constatou que, sempre que se perverteram os valores da vida, do ético, da moral e do religioso, o abuso das drogas se fez presença na comunidade humana. Há uma relação direta entre a decadência dos costumes, dos valores e o abuso de drogas. Portanto, a problemática das drogas não é apenas um fenômeno físico, social, econômico, mas acima de tudo é um problema de vida, de ausência de valores, do ético, do coração humano. A consciência, a prevenção, o combate, como o tratamento físico do dependente químico de drogas, são necessários e urgentes, mas sem a ajuda do psíquico, do existencial e do espiritual, tudo é dado ao fracasso. Na busca de uma compreensão maior do universo do abuso das drogas, esta é uma verdade. Sempre que a vida se deteriorou em droga, as drogas se tornaram companheiras da vida.



Diante da gravidade do abuso das drogas, que debilitam a saúde do corpo e do espírito de milhares, e porque não de milhões de pessoas pelo mundo, sendo nossos jovens as maiores vítimas, exige-se além da consciência e da competência a nível profissional e humano, o cultivo dos verdadeiros valores da vida. Aqui se situa a compreensão mais interna do abuso das drogas: o problema do desamor da vida, da frustração existencial, gerando o vazio e as compensações em todos os níveis, de modo todo particular a compensação através das drogas, isolando as pessoas de si mesmas, da convivência social e de Deus.

Portanto, é preciso tomar consciência de que, antes de ser uma enfermidade física, o abuso das drogas é uma enfermidade do coração humano, pela ausência dos valores que dão encanto e solidez à vida. Todo usuário de drogas, na prática, se sente um fracassado, carente, além dos cuidados para um sadio tratamento, de muito amor, compreensão e carinho. É nesta dimensão que sempre mais se compreende que o combate às drogas não depende apenas da determinação de algumas pessoas, mas será resultado do esforço em conjunto de todas as forças vivas da sociedade, exigindo tanto a presença da ciência, como o cultivo dos valores, da espiritualidade, de Deus. Fora da esfera do cultivo de uma sadia espiritualidade e da vivência dos valores da vida, na verdade, nos tornamos muito frágeis diante do poder destruidor das drogas. Diante da ilusão das drogas, precisamos com urgência restituir ao coração humano, mais concretamente aos jovens, a alegria, o encanto e o sentido da vida. Continua sendo grande verdade o ensinamento de Cristo. “*Sem mim, nada podeis fazer*” (Jo 15,5).

Sto. Agostinho fala desta nossa realidade humana: “Quão tarde te encontrei, meu Deus! Inquieto estava meu coração, enquanto não descansou em ti, Senhor”.

Aqui se situa a grande missão e o papel da Igreja no combate às drogas, além de toda consciência, apoio e ajuda necessária para integrar na vida e na sociedade os que são vítimas das drogas, teremos que dar ao homem de hoje, particularmente aos jovens, mendigos da vida e órfãos dos autênticos valores, a mensagem da vida e da esperança que possuímos, a Palavra de Deus e acima de tudo, Cristo.

Na verdade, sem a presença dos verdadeiros valores, sem uma séria disciplina interior, sem a persistência do amor, sem uma sadia espiritualidade, pouco se conseguirá diante do poder destruidor das drogas. Pois sem Deus, mesmo quando poderosos, nos tornamos fracos, e com Deus, mesmo quando fracassados, nos tornamos fortes.



Bibliografia

- LIBÂNIO, João B., *Escatologia cristã*, Vozes.
- BOFF, L., *Vida para além da morte*, Vozes.
- MOLTMANN, J., *Teologia da Esperança*, Ed. Herder
- BLANK, Renold J., *Nosso mundo tem futuro*, Paulinas.
- _____, *Nossa vida tem futuro*, Paulinas.
- SUSIN, Luiz C., *Assim na terra como no céu*, Vozes.
- AUBERT, Jean M., *E depois da morte, vida ou nada?*, Paulus
- KÜNG, Hans, *Vida Eterna*, Ed. Cristandad.
- Documentos da Igreja**
- Gaudium et Spes* - Vat. II
- Puebla* – III Conferência do Episcopado Latino-Americano, 1979
- Texto-base – CF 2001* - CNBB
- Pronunciamentos do Papa sobre a juventude– *Osservatore Romano*.

Endereço do Autor:

ITESC - Cx.Postal 5041
89040-970 Florianópolis - SC